



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

## PELOS CAMINHOS DO CUIDADO: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DE AGRICULTORES GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS EM ALAGOAS

*THROUGH THE PATHS OF CARING: SOCIO-CULTURAL PRACTICES OF CRIOLE SEED GUARDIAN FARMERS IN ALAGOAS STATE*

(Recebido em 29-06-2022; Aceito em: 08-02-2023)

**Felipe Santos Silva**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS) - São Cristovão, Brasil

Professor de Geografia pela Secretaria de Estado da Educação de Alagoas  
felipegeoufal@hotmail.com

**Maria Augusta Mundim Vargas**

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Rio Claro, Brasil

Professora do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – São Cristovão, Brasil  
guta98@hotmail.com

### Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender os sentidos de ser agricultor guardião de sementes crioulas, tendo como escopo o entendimento das lógicas sociais, culturais e dos sentidos de vida das agricultoras e dos agricultores guardiões de sementes crioulas do semiárido de Alagoas. Na busca desse objetivo, foi estabelecido um diálogo filosófico com Leonardo Boff (2004) por meio da obra “Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra”. Esta pesquisa elege o enfoque qualitativo para desvelar os sentidos lastreados pelas relações sujeitos/sementes. Desse modo, tomou-se como técnicas e instrumentos as entrevistas, os roteiros de observação, os diários de campo, as revisões da literatura, a análise de documentos, os registros fotográficos e as gravações de entrevistas de modo presencial e por meio digital em decorrência da pandemia do SARS-Cov-2. Com este estudo, enfatiza-se o cuidado das agricultoras e dos agricultores guardiões de sementes crioulas como elemento ontológico e existencial que se apresenta por meio do conjunto de práticas, saberes, formas de preservação e relações com a natureza. Assim, apreende-se que eles (re)existem pelo cuidado e tecem seu modo de ser-no-mundo pelas diferentes formas de compreender a vida e de se estabelecer na terra.

**Palavras-chave:** Agricultor guardião; Cuidar; Leonardo Boff; Sementes crioulas.

### **Abstract**

*The present study aims to understand the meanings of being a farmer guardian of creole seeds, having as scope the understanding of the social, cultural logics and meanings of life of female farmers and guardians of creole seeds in the semi-arid region of Alagoas. In pursuit of this objective, a philosophical dialogue was established with Leonardo Boff (2004) through the work "Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra". This research chooses a qualitative approach to reveal the meanings supported by the subject/seed relations. In this way, it was taken as techniques and instruments interviews, observation scripts, field diaries, literature reviews, document analysis, photographic records and recordings of interviews in person and by digital environment as a result of the SARS-Cov-2 pandemic. This study emphasizes the care of female farmers and guardians of creole seeds as an ontological and existential element that presents itself through a set of practices, knowledge, forms of preservation and relationships with nature. Thus, it is understood that they (re)exist through care and propose their way of being-in-the-world through different ways of understanding life and establishing themselves on earth.*

**Key words:** *Guardian farmer; Take care; Leonardo Boff; Creole seeds.*

### **Introdução**

A elaboração deste artigo deu-se pelo interesse pelas mediações teóricas e pelas práticas sociais, culturais e ambientais de mulheres e homens que, pela perseverança junto aos saberes tradicionais, vêm se posicionando em luta frente à hegemonia da produção do espaço agrário pelas sementes transgênicas<sup>1</sup>. Sua consecução deu-se em decorrência da proximidade das práticas dos agricultores com as colocações de Leonardo Boff na obra "Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra" (2004), tomando-se seus pressupostos filosóficos como caminho para a compreensão dos sentidos de ser agricultor guardião de sementes crioulas.

Entendemos que os agricultores guardiões de sementes crioulas possuem mais que uma relação objetiva com seus territórios. Suas práticas pela salvaguarda das sementes garantem a preservação da biodiversidade por meio da interação orgânica entre agricultores e sementes, tendo como ponto de partida o cuidado. Essa relação alimenta verdadeiros sentidos de existência para os guardiões e, como coloca Boff (2004), aguça a percepção, os sentidos, a afetividade e os significados com as sementes e com o território, enquanto nutrem um elo indissociável com a terra.

Tomamos como problematização o entendimento de que a racionalidade científica impulsionou especializações em ramos distintos e muito específicos nas diversas áreas do conhecimento, na medida em que estimulou o surgimento de dicotomias e dualidades que incentivaram o afastamento e a separação entre a sociedade e a natureza. Tal distinção, criada no seio do capitalismo, foi basilar para a manutenção do próprio sistema, pois tirou do homem seu vínculo existencial enlaçado com a natureza transformando-a em mercadoria. A sociedade que desabrocha como fruto desse processo de separação cresce, ganha forma e se estrutura centrada no consumo de mercadorias industrializadas,

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada "Para além do plantar e do colher: saberes e (re)existências dos agricultores guardiões de sementes crioulas", realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – PPGEO/UFS. Sua realização ocorreu entre os anos de 2020 e 2022, com concessão de bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

sendo marcada pela exclusão, segregação e mercantilização, e a natureza torna-se objeto de compra e venda (PORTO-GONÇALVES, 2013).

Entende-se, neste estudo, a despeito das distinções e diferentes interações entre sociedade e natureza, a importância de se nutrir, preservar e resgatar o elo com a terra. Contudo, vivencia-se um paradigma social e ambiental sem precedentes que procura, por meio de diversos mecanismos, estabelecer e aumentar a distância entre ambas – sociedade e natureza. As reflexões aqui trazidas não se fundamentam nessa lógica, pelo contrário, buscamos instituir uma conexão entre os dois domínios para pensarmos nosso objeto de estudo: os agricultores guardiões de sementes crioulas inseridos numa análise da complexidade geográfica na/da atualidade. Tal como assinala Boff (2004) em seus argumentos sobre a urgência do “cuidar”, considerando a complexidade engendrada pelos desafios ambientais e culturais postos pelo “descuido” da sociedade.

Sobre esse aspecto, Vitte e Silveira (2010) resgatam a análise causalista das relações homem-meio observada na obra de Alexander Von Humboldt para assinalarem o quanto a Geografia evoluiu como ciência que estuda o espaço que se constrói pela articulação processual dos elementos naturais e humanos. A posição estática dos elementos da natureza e o distanciamento do pesquisador dos objetos de estudo são superados pela análise que considera e observa o espaço por seus sujeitos sociais.

Nessa proposição articuladora da complexidade do orgânico e do inorgânico (VITTE; SILVEIRA, 2010), do homem com o meio e da sociedade com a natureza, o homem posiciona-se como intermediador entre razão e sensibilidade, pois a condição humana não é estritamente biológica, ela é atividade do espírito indissociável da natureza. Boff (2004) também trilha essa perspectiva ao encadear as reflexões sobre o cuidar que nos permitiram pensar as analogias estabelecidas entre os agricultores guardiões e suas sementes.

O estudo foi conduzido pela abordagem qualitativa, contando com a pesquisa participativa como procedimento delineador das técnicas e instrumentos, salientando-se as entrevistas, os roteiros de observação e os diários de campo tanto quanto as revisões da literatura, a busca e seleção de documentos e os registros fotográficos. Utilizou-se, também, de gravações de entrevistas realizadas presencialmente e por meio digital em decorrência das imposições da pandemia do SARS-Cov-2. Tais procedimentos e técnicas foram conduzidos em consonância com os fundamentos teóricos e amparados pelos seguintes autores: Bardin (1997); Briceño-León (2003); Guran (2011); Souza (2013); Dourado (2014); Almeida (2019) e Vargas (2020).

Os sujeitos deste estudo são as agricultoras e os agricultores guardiões de sementes crioulas, que se reproduzem por práticas herdadas e com histórias unidas pelo enlace à terra produtora de

alimentos e sentidos de vida. Foram entrevistados seis agricultoras e agricultores nos municípios de Arapiraca, Delmiro Gouveia, Piranhas, Água Branca e Pariconha, sendo três homens e três mulheres entre 40 e 74 anos, todos circunscritos no estado de Alagoas. São eles: a) agricultor guardião não vinculado aos bancos comunitários de sementes; b) agricultora guardiã, diretora de cooperativa e assentada; c) agricultora guardiã, liderança comunitária e sindical; d) agricultor guardião, líder comunitário e técnico em Agroecologia; e) agricultor guardião, indígena e líder comunitário; e f) agricultora guardiã, educadora popular e articuladora/animadora de ações agroecológicas. Elas e eles são proprietários de suas terras de vida e trabalho, onde plantam diversas sementes de milho, feijão, melancia, fava, abóbora, batata, entre outras. Em sua maioria, são filiados aos bancos comunitários de sementes crioulas<sup>2</sup> e atuantes em cooperativa de produtores de sementes crioulas. Além dessas características, o perfil sociocultural dos sujeitos amostrados nos possibilitou refletir sobre o cuidado com os saberes tradicionais.

### **Da crise civilizacional ao cuidar como alternativa: a proposta de Leonardo Boff**

Côncios de que a sociedade capitalista cria dualidades e amplia sua oposição frente a natureza, oferecendo brechas para análises dissociativas, trilhamos como princípio de nosso percurso geográfico a indissociabilidade dessa relação sinalizando para a interligação entre sociedade e natureza.

O adensamento filosófico trazido por Leonardo Boff (2004) proporciona pensar o homem como integrante da natureza, entendida como o todo orgânico e inorgânico existente na Terra, mas que pode abranger outros espaços, pois se trata de uma perspectiva holística de análise. Nesse contexto considera-se a condição humana, as formas e modos de vida estabelecidas para sua existência bem como o tempo e o espaço em que se desenvolvem. Essa Geografia que se apresenta é espiritual e material, concebe o homem como um ser possuidor de espírito e obra-prima da natureza.

As dicotomias e dualidades criadas na modernidade fortalecem a crise civilizacional em que vivemos, enquanto impulsiona o surgimento de contradições. Para Boff (2004), a sociedade contemporânea vive uma grande contradição: ao tempo em que se denomina como sociedade do conhecimento e da comunicação, confronta-se com a solidão e a incomunicação. Esse problema se acentua com a via *on-line* de operacionalização das práticas e atividades humanas, que cunha distanciamentos entre os sujeitos e não promove o desenvolvimento dos sentidos e da percepção atrelados ao todo orgânico e inorgânico que compõe a Terra.

---

<sup>2</sup> O primeiro agricultor entrevistado não faz parte de cooperativas nem de bancos comunitários de sementes, mas foi incluído na amostra porque se configura como agricultor guardião de sementes crioulas por preservar e cuidar de uma variedade de espécies. A constituição e os sentidos dos bancos de sementes são expostos no decorrer do texto.

A crise civilizacional contemporânea impulsionada pela virtualidade afasta ainda mais a humanidade da natureza, sobretudo nas sociedades em que esta relação já se encontrava distanciada. Na simbiose composta de elementos da natureza e da cultura, o homem é corporificado e, ao mesmo tempo, distinto dos animais pelo seu espírito e sua capacidade de se envolver afetivamente com o meio e com os outros de sua espécie.

Boff (2004) é categórico ao articular a necessidade de se repensar a atividade humana na Terra devido ao acirramento dos problemas sociais e ambientais para em seguida, sinalizar que além da inteligência e liberdade, a vida se estabelece no e pelo cuidado. O modo de ser da sociedade contemporânea ameaça o cuidado, pois, sistematicamente, elementos da modernidade virtual devoram esse modo-de-ser, com destaque para os modos de vida encontrados nas sociedades urbano-industriais. Nesse sentido, ele afirma o caráter de urgência de seu escrito face aos processos de devastação em curso, comprometedores das futuras gerações. E, mesmo diante de um cenário caótico, afirma que há chances de salvar o super-organismo-Terra através de um “grande” esforço de mudanças de hábitos e filosofias de vida.

Essas angústias decorrentes da crise civilizacional ancorada no descuido, no descaso e no abandono atravessam as ideias de Boff, e, assim, ele se coloca reflexivo quanto ao cuidado como modo-de-ser essencial do humano. Destaca-se como constitutivo dessa filosofia o holismo no entrelaçamento com o existencialismo pela fenomenologia de Heidegger, entendendo, propondo e fundamentando o modo-de-ser-cuidado como amparo para a proposta de uma nova lógica social.

Diante do cenário criado pelo *modus operandi*<sup>3</sup> capitalista da sociedade contemporânea, Boff (2004) questiona sobre os limites da produção material do consumo e suas implicações culturais, psicossociais e ambientais. Em seus argumentos, ele evidencia alguns conceitos contrários ao cuidado em ascensão em nossa cultura, tais como o descuido, o descaso e o abandono, que vêm colocando em xeque essa crise civilizacional expressa de diferentes modos e em diferentes lugares.

Ora, o descuido da sociedade diante das questões sociais e ambientais provocaram as inquietações expostas por Boff (2004) e conduziram às indagações fundantes de suas reflexões, por exemplo: quais mecanismos e ações a humanidade pode utilizar e realizar à luz de um novo equilíbrio ecológico no planeta Terra? Compreende-se que parte da humanidade perdeu a esperança de regeneração do planeta diante da crise civilizacional, na qual o consumo, o descuido e o descaso alicerçam as relações sociais. Mas, mesmo diante desse cenário marcado pela falta de atenção para com a casa Terra, o autor nos transmite a crença em uma nova postura humana capaz de restabelecer a necessária relação de cuidado.

---

<sup>3</sup> Ver Bauman (2008).

A resposta à crise civilizacional situa-se além da ciência e da técnica. Sobre esse aspecto, Boff indica:

[...] uma nova redefinição do ser humano e de sua missão no universo, no contexto de uma nova aliança de paz e sinergia para com a Terra e com os povos que nela habitam [...]. Uma ética nova pressupõe uma ótica nova [...]. Exige uma filosofia do ser e uma reflexão espiritual que nos fale do Sentido de todos os sentidos e que saiba organizar a convivência humana sob a inspiração da lei mais fundamental do universo: a sinergia, a cooperação de todos e com todos e a solidariedade cósmica [...]. (2004, p. 22).

Para o autor, a saída da crise civilizacional requer mais que uma fórmula. Faz-se necessária a construção coletiva de uma nova ótica para pensar a Terra e seus povos, e uma nova ética com base na solidariedade e na cooperação. A resposta aos dilemas vividos pela sociedade frente ao processo de tecnificação e coisificação das relações sociais e da sociedade com a natureza, tem uma abrangência filosófica, ética e moral. Portanto, abrange constitutivos capazes de reformular o modo de ser humano, pilares fundamentais para a realização de qualquer sociedade.

Para trilhar seu percurso à luz da compreensão do sentido e da natureza do cuidado, Boff (2004) indica a insuficiência do realismo materialista como caminho filosófico ao entendimento da humanidade e sua relação com o meio. Para ele, nessa abordagem, não há independência entre sujeitos e objetos, uma vez que não há objetos sem sujeitos e sujeitos sem objetos; o realismo não inclui os fenômenos da subjetividade, da consciência, da vida e da espiritualidade, portanto, para o autor, o realismo é pouco realista porque reduz a realidade complexa e relacional à um composto de elementos.

As bases filosóficas de Boff (2004), holísticas, ecológicas e espirituais, se contrapõem à cosmologia moderna em que o universo é inconsciente e matematicamente encadeado por uma lógica realista. Como alternativa, ele apresenta uma filosofia capaz de compor uma nova consciência e, “[...] funda uma alternativa ao realismo materialista, com capacidade de devolver ao ser humano o sentimento de pertença à família humana, à Terra, ao universo e ao próprio divino [...]” (BOFF, 2004, p. 24).

Os caminhos inaugurados por essa perspectiva filosófica abrangem os sentidos, a subjetividade e um olhar integrador e holístico como elementos para a compreensão do humano e sua relação com a Mãe Terra; delineiam assim, novas geografias possíveis a partir de novas experiências de ser-no-mundo (BOFF, 2004), como é o caso dos agricultores guardiões de sementes crioulas. Nesse contexto, “[...] cresce seminalmente um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra [...]” (BOFF, 2004, p. 25-26).

Esse quadro filosófico e paradigmático rema lentamente, e novas posturas preocupadas com as questões sociais e ambientais têm surgido como pontos luminosos sinalizadores de mudanças. Grupos ambientalistas, ecologistas, solidários aos direitos animais e humanos, a favor das minorias, da salvaguarda de sementes, comunidades camponesas, povos originários, entre outros, posicionam-se de forma crítica ao modelo dominante de ser e pensar a sociedade, erguendo-se com posturas humanitárias e raciocínios ecológicos diante de decisões. Essas atitudes ancoradas no cuidado poderão “[...] salvar o planeta e assegurar as condições de desenvolvimento e de co-evolução do ser humano rumo a formas cada vez mais coletivas, mais interiorizadas e espiritualizadas de realização da essência humana” (BOFF, 2004, p. 27), pois:

[...] temos que reconstruir a casa humana comum – a Terra – para que nela todos possam caber. Urge modelá-la de tal forma que tenha sustentabilidade para alimentar um novo sonho civilizacional. A casa humana hoje não é mais o estado-nação, mas a Terra como pátria/mátria comum da humanidade [...]. (BOFF, 2004, p. 27).

O filósofo entende o cuidar como essência do humano, uma atitude que envolve ocupação, zelo, desvelo, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro e com a natureza. As atitudes que envolvem o ato de cuidar estão, assim, em várias dimensões da vida, perpassam sentimentos e afeições com pessoas e ambientes, portanto o cuidado é material, social, pessoal, ecológico e espiritual, assim ele é um modo-de-ser. Boff posiciona o cuidado na raiz primeira do ser humano, antes de qualquer ação. O cuidado é

Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e de dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. [...] o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (que responde à pergunta: o que é ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger: “o cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico”. Traduzindo: um fenômeno que é base possibilitadora da existência humana enquanto humana. (BOFF, 2004, p. 34, grifo nosso).

Entre o subjetivo e o coletivo do ser humano, Boff (2004) acentua a etimologia da palavra homem, entendida como derivada de húmus, que significa terra fértil, e homem significa filho e filha da terra fecunda. Em sua análise, a super-mãe-Terra é sensível a mudanças rápidas provocadas pela humanidade, principalmente as ocorridas após o século XVIII.

A filosofia holística é, dessa maneira, exposta como o caminho apontado para que se forme uma consciência humana, fundada no cuidado e na valorização dos sentidos e da percepção humanos. A natureza do cuidado exige a construção de uma nova postura no fazer e ser humano, lastreada na fenomenologia do cuidado, entendida como:



[...] a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para a nossa consciência, se mostra em nossa experiência e molda nossa prática. Nesse sentido não se trata de pensar e falar *sobre* o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar *a partir* do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado [...]. (BOFF, 2004, p. 89, grifos do autor).

O cuidado é, assim, o vivido e se estrutura no ser humano; é uma dimensão ontológica deste, ou seja, faz parte da sua constituição, e, sem o cuidado, o homem deixa de ser humano. Ancorada na fenomenologia, a natureza do cuidado revela que, além da percepção e dos sentimentos com o mundo, o cuidado revela zelo, solitude, atenção e bom trato com os outros e com a Terra. A atenção em relação aos outros e à natureza orgânica e inorgânica mostra uma atitude do cuidado e do senso de responsabilidade, e isso provoca preocupações e inquietações sobre o bem-estar do outro, seja natureza ou espírito.

Enquanto enlace entre todas as coisas, o cuidado é responsável por fazer emergir do humano a complexidade, a sensibilidade, a solidariedade, a cordialidade e a conexão com o universo, e a ausência do cuidado não faria do humano um humano tal qual o entendemos. As ressonâncias do cuidado brotam do mais íntimo do ser a capacidade de amar, a ternura, a carícia, a compaixão, a convivialidade e a justa medida.

Concordamos com Boff (2004) que, diante desse cenário, torna-se necessário a humanidade desenvolver a topofilia, pensada no bojo da Geografia por Tuan (2012), para aguçar seus sentidos e sentimentos com todos os seres e a Mãe Terra, base da vida, cabendo à humanidade uma permanente vigília pelas dimensões do cuidado. Assim, com essa nova postura, espera-se que nem o homem nem a Terra definham pelas vias do modo-de-ser-trabalho-produção-dominação.

### **Agricultor guardião de sementes crioulas: outros sentidos de ser**

O quadro filosófico balizado por Boff (2004) nos proporcionou ancorar na realidade empírica pelas experiências dos agricultores guardiões de sementes crioulas como exemplo de cuidado frente à lógica imperativa do descuido e do descaso comum na sociedade contemporânea.

Entendemos que os agricultores guardiões de sementes crioulas realizam práticas sustentadas no cuidado à luz da salvaguarda das sementes e garantem a preservação e a multiplicação da biodiversidade. Portanto, possuem uma grande importância social, cultural e ambiental pelo compromisso ético com seus grupos, com a sociedade e com a natureza, compreendendo a seriedade dessa interligação. Na fala da entrevistada A, podemos perceber as dimensões do cuidado na atitude ecológica, além de zelo, atenção, bom trato com a natureza, preocupação com os seres vivos em



sua propriedade, responsabilidade social e cultural e envolvimento afetivo, mediados pela justa medida e pela compaixão pela Terra:

[...] a minha vida... é uma vida... eu acho que é uma vida boa, de agricultora, muita experiência que eu tenho, principalmente para banco de sementes. A minha história é uma história bonita. Eu preservo a natureza, o meio ambiente, não deixo matar os animais, sou defensora dos animais, não deixo ninguém bulir com eles [...] se todos os agricultores e agricultoras fossem como eu, os animais teriam a proteção deles. [...] Do que eu faço, com o amor que eu tenho com a natureza, eu ver assim: isso aqui foi eu, eu que plantei, então eu fico muito feliz de ver essas coisas que foi eu que rezei essa terra reflorestar, reflorestamento, sem pensar em nada, eu não pensei em ganhar dinheiro, eu não ganhei nada com isso, não, eu tenho alegria, eu tenho amor [...] Então isso é muito bom, isso é muito importante. [...] É o cuidado com ela [com a terra para o plantio] porque, se eu não cuidar dela, ela vai abrir cratera, ela vai ficar fraca, não vai ficar uma terra boa. Então eu tenho o maior cuidado. [...] Você veja que todo mundo corta [a terra com trator] e tira suas catingueiras, a minha aqui eu não deixo tirar, eu não aceito. Porque daqui ela vai deixando as sementes, eu não estou mais plantando as sementes porque elas já tão vindo da catingueira, do angico e vão nascendo. Então tem que ter esse cuidado com a terra. (Entrevistada A, 51 anos, Poço Doce II (Piranhas/AL), grifo nosso).

O compromisso ético dos agricultores guardiões tem como ponto de partida o cuidado com as sementes, com a sociedade e a natureza e com os grupos que formam a rede dos Bancos Comunitários de Sementes (BCS)<sup>4</sup>, enquanto constroem/alimentam verdadeiros sentidos de existência para as suas vidas. O cuidado exige deles o amadurecimento da percepção e dos sentidos, na medida em que a sociedade e a natureza são ressignificadas. Sobre o cuidado com as sementes crioulas, a entrevistada A assinala: “Para mim o cuidar é ter amor por elas, é o zelar delas, é não deixar os bichos nem o povo acabar com elas, tem que ter toda uma atenção com as sementes, todas elas, da caatinga, de alimentos e animais” (Entrevistada A, 51 anos, Poço Doce II (Piranhas/AL), grifo nosso).

O significado das sementes crioulas para os agricultores guardiões aparece-nos como sentido e conteúdo do que significa, exprime, traduz, representa e simboliza, despontando como traço fundamental do ser humano (CORRÊA, 2009). Nesse contexto, os agricultores guardiões fazem das sementes seus símbolos nos territórios – constitutivos de suas existências, *a priori*, de suas identidades com a terra, pela sua representação e por seus significados, demarcando processos de identificação. A respeito dos significados das sementes, os entrevistados B, C e A assinalam, respectivamente:

---

<sup>4</sup> De acordo com Santos (2020) e com a pesquisa realizada junto à Cooperativa dos Bancos Comunitários de Sementes – COPPABACS –, os BCS estão localizados em 54 comunidades do semiárido alagoano, situadas em 20 municípios, e constroem a Rede Estadual de Sementes da Resistência de Alagoas. Esses bancos são pequenos armazéns, criados após o ano de 2012, onde as sementes são guardadas/protegidas pelos agricultores guardiões. A formação/construção dos BCS foi um marco importante, pois teve como propósito o fortalecimento dos agricultores na busca pela autonomia em seus territórios, fazendo com que não dependessem do Estado para o plantio. A sujeição e falta de organização dos agricultores acarretava inúmeros problemas, como a extinção de sementes adaptadas à região, a falta de sementes no período de plantio, a ausência de planejamento estratégico e, conseqüentemente, de diversidade alimentícia nos territórios. O objetivo principal dos BCS é garantir a semente para o plantio, dando autonomia ao agricultor guardião.

Olha, é como se fosse um tesouro, elas têm um valor imensurável. Eu digo isso por tudo que eu já ouvi e é o que elas representam para mim também, porque as sementes crioulas, e a gente sabe o que está plantando e o que está comendo, as outras você não tem segurança nenhuma, você está entendendo? Eu não sei dizer o valor, do ponto de vista monetário, não existe. É um valor que é imensurável porque é vida, porque ela sendo bem cuidada você planta e ela dá [...]. (Entrevistada B, 55 anos, Caraíbas do Lino (Delmiro Gouveia/AL), grifo nosso).

Rapaz, o valor é inestimável, pra mim mesmo é inestimável. [...] Só de você olhar aquilo [aponta para as sementes crioulas dispostas na prateleira do BCS] o seu estresse já passa [...] quando você trabalha a sua autonomia, você tem que trabalhar a sua segurança alimentar e de todos da propriedade e de toda cadeia produtiva. [...] É um amor porque você tem que amar aquilo que você faz [...] nenhuma [semente] é mais importante que a outra, por isso que, quando você ama, todas elas têm a mesma importância, têm o mesmo valor, o valor delas são iguais, é... porque, se você for olhar a parte comercial, cada uma tem seu valor, mas, na parte sentimental que você tem, é... igualdade pra todo mundo [...]. (Entrevistado C, 40 anos, Povoado Quixabeira (Água Branca/AL), grifo nosso).

Tudo, elas são tudo pra mim! Porque elas vão servir de alimentação para os animais, elas vão servir pra eu fazer o biofertilizante delas, elas vai servir de sombra pra gente, um aconchego, e elas vai servir amor [...]. Então, pra mim, são tudo pra mim as sementes, as plantas e os animais, é como se fosse um filho. Eu cuido das sementes como se fosse um filho meu, eu tenho amor por elas, muito amor. [...] A importância dessas sementes é muito grande, não podemos deixar elas se perderem, a importância é essa... [precisamos] brigar com o poder público e se organizar com os movimentos sociais... pra não deixar elas se acabar, elas que sustentam a gente no sertão. [...] O meu sentimento é um sentimento muito bom, que é amor por elas, pra criar as sementes é um amor muito grande. [...] Não só eu, mas é já ir atrás do agricultor que faz parte do banco de sementes pra já nós tirar as semente pra botar lá no chão. (Entrevistada A, 51 anos, Poço Doce II (Piranhas/AL), grifo nosso).

Compreendemos os sentidos do cuidar pelas relações entre agricultores e sementes, o que nos fez olhar além do que está posto no plano da objetividade e da materialidade, justificando a compaixão pela Terra. Por essa perspectiva, apreendemos os modos de ser dos agricultores guardiões de sementes crioulas e suas formas de condução da vida sustentada no cuidado. Nos fragmentos das falas dos entrevistados anteriormente mencionadas, percebe-se as ressonâncias, as abrangências e as representações do cuidado quando revelam o amor pelas sementes, ao expressarem serem possuidoras de valor inestimável e imensurável<sup>5</sup>.

Concomitantemente aos modos de vida determinantes da lógica do trabalho e da mercadoria, os guardiões de sementes crioulas produzem novos sentidos de ser-no-mundo ao atribuírem significados aos seus territórios pelas práticas comuns. Em convivência com os agricultores e as sementes, eles se conectam com os princípios apontados por Boff (2004) no que concerne ao amor às sementes como fenômeno biológico, a justa medida em contraposição às monoculturas, a ternura, carícia e compaixão para a preservação das essências das sementes e a convivialidade. Para Boff, o

<sup>5</sup> Assinalamos outros aspectos trazidos nas falas que extrapolam os limites das considerações tratadas nesse texto, tais como o engajamento com movimentos sociais e os conflitos com o agronegócio monocultor que se avizinha, entre outros.

cuidado é mais que um ato singular, é um modo de ser-no-mundo “que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas” (2004, p. 92), e acrescenta:

Quando dizemos ser-no-mundo não expressamos uma determinação geográfica como estar na natureza, junto com as plantas, animais e outros seres humanos. Isso pode estar incluído, mas a compreensão de ser-no-mundo é algo mais abrangente. Significa uma forma de existir e de co-existir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e con-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade. (BOFF, 2004, p. 92, grifo nosso).

O modo de ser-no-mundo dos agricultores guardiões de sementes crioulas é balizado pelos distintivos do cuidado expressos na compreensão de Boff (2004), que relacionam, de modo abrangente, todas as coisas do mundo ao humano. Nossa pesquisa revelou essa relação/coexistência/convivência entre os sujeitos e os elementos que constituem seus territórios e a região, ou seja, o chão relacional de suas existências inserido numa realidade escalar e processual comandada do agronegócio monocultor. O universo criado pelos guardiões de sementes crioulas constrói sua espiritualidade por meio da percepção, das relações e dos enraizamentos nos territórios, onde erguem suas moradas, criam seus filhos, sociabilizam e (re)existem pelo cuidado.

Com efeito, os agricultores guardiões persistem com suas práticas nos territórios em defesa dos seus modos de ser-no-mundo. Esses sujeitos enfrentam adversidades climáticas e econômicas, sejam pelos cenários de escassez de chuvas no semiárido e pelas circunstâncias no enfrentamento de preços, infraestrutura, financiamentos, entre outras. Todavia, a resiliência os faz superar as dificuldades encontradas sem abandonar ou desistir daquilo em que acreditam e defendem. A perseverança faz com que pensem adiante, nas futuras gerações, e, portanto, demonstram atenção para com o equilíbrio da natureza hoje, de maneira que as futuras gerações tenham alimentos e terra agricultável:

[...] eu achava muito bonita a história de pegar aquelas sementes... eu ia pra caatinga e catava, só que eu não tinha aquele saber, para que ia servir aquela semente, pra mim ia valer pra quê? Pra quê? [...] Só que os meus pais já guardavam no banco de sementes deles de casa, mas, assim, de catingueira, de angico, da caatinga, eles não guardavam, quem guardava... aí já foi eu que, quando eu via uma semente, eu saía juntando aquela semente e já trazia pra casa e guardava elas. [...] Aí sim, depois dessas sementes, foi que consegui plantar aonde hoje eu produzo, eu hoje sou feliz porque tenho essa caatinga reflorestada, que foi eu que reflorestei, e isso tá sendo uma história que eu passo pros meus netos e amostro a eles, os exemplos... né? Porque a gente pode fazer isso, agora é muito esforço, a gente sofre muito [...] às vezes as pessoas me criticavam, dizia que eu tava doida [risos], eu queria um futuro pra frente porque, se a terra tava nua, ela não fica uma terra fértil [...] aí eu fui colocando isso na minha cabeça que a gente poderia é... plantar, reflorestar, e isso... hoje eu sou uma mulé muito feliz. (Entrevistada A, 51 anos, Poço Doce II (Piranhas/AL), grifo nosso).

Com esse cenário, é possível entender a natureza do cuidado dos guardiões de sementes crioulas buscando no passado da humanidade as origens dessa prática. Acredita-se que essa conexão humana com as sementes tenha ocorrido no período Neolítico (10.000 a.C.) por ter sido marcado pela domesticação das plantas e dos animais e pelo domínio técnico no preparo de alimentos, marcando a sedentarização humana com as criações e a domesticação das plantas e dos animais para o consumo.

Conforme Bevilaqua e Antunes (2008), as mudanças ocorridas após a sedentarização fizeram os humanos desenvolverem técnicas de cultivo e domesticação de espécies vegetais; nascia nessa fase da história a seleção de sementes mais adaptadas aos ambientes de morada e produção de alimentos. Conforme destacado em outro estudo,

A posse e o domínio das sementes representaram a mudança do ser humano, nos seus primórdios, de coletor e caçador nômade para agricultor. Neste processo, houve a dominação das técnicas de domesticação de espécies vegetais, selecionando plantas e sementes mais adaptadas ao seu ambiente [...]. Assim, desde que se iniciou o processo de domesticação das plantas, foram criadas milhares de variedades com grande diversidade. Sem dúvida, o grande artífice desse processo foi o guardião de sementes [...]. (BEVILAQUA et al., 2016, p. 2).

Por meio da domesticação de plantas e animais, as culturas humanas preservaram os traços genéticos naturais e tradicionais desses organismos vivos em diferentes tempos e espaços; por isso, os guardiões de sementes crioulas se destacam como grandes artífices nesse processo de produção (BEVILAQUA et al., 2016). Todavia, com o aparecimento de novas técnicas agrícolas e a evolução para a agricultura moderna, ocorreu a redução na variabilidade genética alimentar dos agrossistemas, atenuando a disponibilidade e diversidade da agricultura de base familiar (PINHEIRO et al., 2018). Além disso, os impactos nos modos de vida do/no campo foram significativos, o que resultou em êxodos e mudanças nos modos de vida tradicionalmente rurais.

Com o avanço das técnicas agrícolas e do modelo capitalista de produção de alimentos no campo, é evidente o entrelaçamento da ciência e da tecnologia na construção de exemplares comerciais de variedades híbridas e transgênicas (BENVEGNÚ, 2017). O autor acrescenta que as mudanças ocasionadas no campo, iniciadas na segunda metade do século XX e aprofundadas desde então, marcam alterações brutais de cunho tecnológico, com práticas de alteração genética, utilização de adubos sintéticos, agrotóxicos e maquinário de grande porte, entre outras que, em última instância, provocaram impactos de cunho social e nutricional por lesarem a sociedade pela criação de hábitos alimentares uniformizados pelas culturas agrícolas baseadas na monocultura. A evolução e a modernização da agricultura têm como efeito o empobrecimento da agricultura familiar por meio da

erosão genética de culturas agrícolas crioulas, deixando esses organismos vivos em risco de extinção (BEVILAQUA et al., 2014).

Como fruto dessa modernização capitalista no campo, tem-se os impactos sociais, culturais, econômicos e naturais, que culminam na perda do conhecimento ancestral de preservação de sementes e dos modos de vida ancorados no cuidado das sementes crioulas nos territórios rurais e tradicionais. Dentre os grandes vilões desse modelo tecnológico de produção, e em contraponto com as sementes crioulas, ganham destaque as sementes geneticamente modificadas, também conhecidas como transgênicas ou híbridas. As sementes transgênicas são produzidas em laboratórios e têm causado danos à agrobiodiversidade pela polinização cruzada, que atinge diretamente a produção de base crioula/tradicional.

Para nós, a produção agrícola realizada pelos agricultores guardiões de sementes crioulas se faz com a justa medida, ou seja, pelo equilíbrio ambiental. A justa medida

[...] é sentida positivamente como capacidade de usar, de forma moderada, potencialidades naturais, sociais e pessoais para que mais possam durar e reproduzir-se. Isso só é possível quando se estabelece um certo equilíbrio e uma justa medida. A justa medida se alcança pelo reconhecimento realista, pela aceitação humilde e pela ótima utilização dos limites, conferindo sustentabilidade a todos os fenômenos e processos, à Terra, às sociedades e às pessoas. (BOFF, 2004, p. 112).

O cuidado com as sementes crioulas e as atitudes dos agricultores guardiões revelam essa justa medida para o equilíbrio social e ambiental em suas comunidades, entendidas como *lócus* de preservação de modos de vida e cultura. Nas comunidades rurais e tradicionais, as sementes crioulas podem receber diversas denominações, como sementes tradicionais, sementes da paixão, sementes locais, sementes nativas, entre outras, conforme Paula Almeida (2007). As sementes crioulas podem ser entendidas como aquelas que não sofreram alterações genéticas por meio da prática do manejo científico, ou seja, são sementes adaptadas ao ambiente de cultivo, e seu manejo é realizado pelos agricultores, principalmente os mais antigos das comunidades, denominados “guardiões de sementes” (STADLER, 2019).

Para os agricultores guardiões, a preservação das sementes crioulas possibilita a redução dos custos da produção agrícola e, conseqüentemente, aumenta a renda familiar, além de reduzir a dependência da utilização das sementes ‘modernas’, como demonstram VELOSO et al. (2018). Esses estudiosos reforçam a capacidade de adaptação das sementes crioulas ao solo, pois dele extraem nutrientes necessários para crescer com resistência às pragas. Ademais, salientam a diversidade das sementes crioulas como contribuintes à função social, uma vez que garantem variedade e abundância de alimentos saudáveis às comunidades. No alinhamento deste estudo, Stadler (2019) afirma que as

sementes crioulas nos territórios rurais e tradicionais fazem parte da construção social e identitária dos guardiões<sup>6</sup> e, por sua vez, desvelam as territorialidades dos agricultores por meio das diferentes práticas de armazenamento, alimentação, religiosidade, técnicas de plantio, entre outras.

É, portanto, nesse contexto que as práticas com as sementes crioulas observadas com os agricultores do sertão alagoano se posicionam para além de 'simples' seleção de sementes. Com efeito, essas sementes carregam consigo valores simbólicos e materiais pelas suas representações e por sua importância econômica e social. Elas constroem significados e pertencimentos advindos do cuidado direcionado à sua salvaguarda, tendo como responsáveis pela sua existência os agricultores guardiões.

As sementes crioulas, cuidadas e defendidas pelos agricultores guardiões, passam por gerações familiares e, por sua intermediação, fazem criar o pertencimento e a identificação. São sementes que pertencem à natureza, mas são cuidadas pelos guardiões. Nas comunidades onde elas são preservadas, os guardiões mantêm seu processo evolutivo, selecionando as mais adaptadas às condições naturais e aumentando a variedade a partir da troca desses organismos vivos (STADLER, 2019), o que possibilita a soberania alimentar para os guardiões.

Comungamos das perspectivas de Bevilaqua e Antunes (2008) e Bevilaqua et al. (2016) ao considerarem as sementes crioulas como patrimônio cultural e genético. Enquanto agricultores guardiões de um patrimônio, constatamos que eles criam estratégias de resistência e (re)existência frente ao agronegócio, como constatado nas práticas mostradas na Figura 1.

---

<sup>6</sup> Vários estudiosos participam e contribuem com o movimento dos agricultores guardiões de sementes com formação, articulação, estudos e registro dos bancos de sementes, bem como defendem e compreendem a importância da existência desses organismos vivos que estão em risco. Destacam-se os estudos de Gilberto Antonio Peripolli Bevilaqua, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, que tem atuado em comunidades de agricultores guardiões com estudos e capacitações para a preservação das sementes crioulas.



Figura 1: O cuidado dos guardiões de sementes crioulas em suas diferentes faces



- A – Agricultora guardiã explica o manejo sustentável e o planejamento da produção para o inverno;  
B – Agricultora guardiã mostra “canteiro” de experimentos, mudas e testes com biofertilizantes;  
C – Agricultora guardiã explica a importância econômica, social e ambiental da criação de cabras;  
D – Agricultor guardião mostra sua coleção de sementes crioulas, algumas doadas pela Embrapa;  
E – Agricultor guardião mostra suas técnicas de armazenamento de sementes, com cinza das raízes de plantas da caatinga;  
F – Agricultor guardião mostra sementes de girassol armazenadas em sua residência;  
G – Criação de porcos crioulos em sistema aberto de produção (soltos na propriedade da família).

**Fonte:** Pesquisa de campo. 2021. Fotos: SILVA, Felipe Santos.

As sementes crioulas estão sujeitas a alterações genéticas devido ao avanço do agronegócio e, uma vez modificadas, perde-se o *status* de crioulo, além de causar perda simbólica e material aos agricultores guardiões, pois a semente pode ser perdida para sempre. Daí o cuidado observado nas práticas individuais e coletivas com a criação de bancos de sementes.

Os agricultores guardiões transmitem seus saberes ao longo de gerações e, por meio do cuidado, mantêm as sementes vivas, juntamente com seu modo de compreender o mundo: com respeito e solidariedade com a natureza. Por meio das ações mediadas no entorno das sementes crioulas, os guardiões constroem experiências com ações que favorecem a tessitura de suas



identidades. Portanto, o ato de cuidar das sementes crioulas recria os sujeitos, transformando-os em agricultores guardiões que lutam em defesa da natureza.

[...] eu vim morar aqui por gostar do campo, eu me identifico muito! Principalmente com o manejo agroecológico, de forma mais natural. [...] Sempre fui mais da roça, e... me acostumei a conviver na área dessa forma de produção pouca, mas muito diversificada [...]. A gente quer cada vez mais melhorar nesse processo... Estamos organizados, tipo, em rede também, aqui na região, com o banco de semente envolvido, nós dos bancos de sementes e assim vai... [Quando indagada sobre a importância de cuidar das sementes] Porque é minha identidade de vida, tipo assim... eu me sinto bem! É tanto que, tipo, eu não me sinto só, porque nós estamos com vários agricultores com o mesmo objetivo, né? A gente sempre num coletivo bem maior e na mesma área, né? Essa terra é muito importante para a minha vida, mas representa um modo de viver... da convivência com a natureza, e eu quero melhorar cada vez mais, né? [...] Ano passado eu priorizei a cultura do milho roxo, do milho batité, puxando para o milho roxo, aí eu quis cultivar um pouquinho do milho rajado, que é o batité. Aí já tem uma semente nova, renovando... Outro ano renovei a semente do milho branco, né? Um milho que é branco, também... Esse ano estou plantando o milho que veio pelo projeto, para a produção de sementes... o que eu produzir aqui será vendido como semente, vou ter que cuidar como semente, ter todos os cuidados especiais porque é o campo de sementes de produção [garante a perpetuação dessas espécies]. Cuidar das sementes é a gente juntar um coletivo maior porque, se eu cuidar de uma semente sozinha, isolada, não vai dar resultado, é um pequeno resultado. Como é que eu vou multiplicar uma semente sozinha? Só no meu roçado? A gente se organiza e cuida em grupos para fomentar essa multiplicação... e para melhorar a comercialização também, para ganhar um melhor preço... para a gente poder apresentar... nós estamos lutando pelo selo de garantia, e o foco é: não colocar químicos, não fazer queimadas essas coisas... né? O governo não tem conta com isso e libera muitas coisas que vêm prejudicar o meio ambiente, né? A gente está no movimento social pela garantia do nosso meio ambiente, para que seja sustentável. (Entrevistada D, 52 anos, Assentamento Genivaldo Moura (Delmiro Gouveia/AL), grifo nosso).

O cuidado faz as mulheres e os homens desenvolverem habilidades vinculadas à percepção, à solidariedade e ao sentimento, fazendo o agricultor guardião criar laços topofílicos, afetivos, com o território, entendido como base onde se projetam um modo de vida, representações e sentidos para além do plantar e do colher. Essa afetividade, criada por meio dos símbolos que são as sementes crioulas, nutre esses sujeitos, cria o pertencimento e os identifica como guardiões da Terra, base da vida. Nos territórios guardiões, a preservação das sementes não é compreendida como forma de garantia de alimento, mas como elemento simbólico e material que se enraíza na cultura e desenha o modo-de-ser-agricultor-guardião. Por meio do cuidado com as sementes e pelo movimento social, os agricultores guardiões de sementes crioulas constroem uma teia e sentimentos com o coletivo e com o território, com horizontes de sentidos para além de plantar, colher, morar e preservar.

## Considerações finais

O cuidar, que finda na essencialidade dos agricultores guardiões, nos fez mergulhar na atual estrutura social e econômica, questionando-a. Desse modo, os paradigmas social, cultural e ambiental vividos pela sociedade contemporânea culminam na atual crise civilizacional.

Diante dos territórios alternativos visitados em pesquisa de campo, dos diálogos com os sujeitos e da partilha durante o processo de pesquisa, assinalamos três aspectos desse universo que, de certa maneira, adensaram nossos caminhos. De pronto, asseguramos os constitutivos do cuidar apontados por Leonardo Boff (2004) como balizamentos para nossas reflexões sobre pertencimento, herança e (re)existência. Tal conexão foi, também, delineadora da abordagem teórica e metodológica que nos conduziu até aqui, nos permitindo olhar de modo abrangente e em diferentes escalas o fenômeno estudado. O terceiro aspecto diz respeito ao cuidado como um modo-de-ser e uma concepção de vida que desenha outros horizontes de sentidos para a existência dos agricultores guardiões.

Por meio do cuidado, os agricultores guardiões de sementes crioulas criam e recriam a sua existência, tendo nas sementes a força essencial de ligação com o território. Nesses territórios e através do cuidado, tramas de significações são tecidas à medida que as sementes crioulas são plantadas, resgatadas, compartilhadas ou adquiridas e protegidas.

Percebemos o cuidar, à luz de Boff (2004), como um paradigma civilizatório que nos fez apreender o modo-de-ser-guardião como uma trajetória. O cuidado atravessa a vida do agricultor guardião, evidenciando: o respeito à natureza e a compreensão de que são parte dela e criam outras formas de com-viver; o trabalho junto com a natureza com o reflorestamento; a diversidade de espécies nativas e alimentares; e o respeito aos ciclos naturais de secagem das sementes e os períodos de plantio, tudo isso integrado à dinâmica natural das sementes e do ambiente.

Assim, o modo-de-ser-cuidado, balizado por Boff (2004), nos orientou a pensar no modo-de-ser-agricultor-guardião de sementes crioulas, na medida em que esta cria mecanismos de (re)existência que edificam o seu modo de ser-no-mundo pela defesa da natureza e em conexão solidária com ela, além de compreender o homem como parte do sistema em atenção permanente para que não ocorram desequilíbrios ou que ele não venha a sofrer por aqueles provocados por descuidos e descasos. Os caminhos da ética social são trilhados pela defesa da natureza diversificada com práticas dirigidas pela afetividade e em conexão com a Mãe Terra.

## Referências

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Observar e entender o lugar rural: trilhas metodológicas. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Daniele Luciano; VILAR, José Wellington Carvalho; OLIVEIRA, Edivaldo Alves de (Orgs.). *Tempos e espaços da pesquisa qualitativa*. Aracaju: IFS, 2019. p. 45-70.
- ALMEIDA, Paula. Sementes da Biodiversidade. *Agriculturas*, v. 4, n. 3, p. 4-5, 2007.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENVEGNÚ, Vinícius Cosmos. *As sementes do lugar: políticas locais e desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul meridional*. 150 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; ANTUNES, Irajá Ferreira. *Agricultores guardiões de sementes e o desenvolvimento in situ de cultivares crioulas*. São Paulo: Infobibos, 2008. Disponível em: [http://www.infobibos.com/Artigos/2008\\_4/guardioes/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2008_4/guardioes/index.htm). Acesso em: 20 abr. 2020.
- BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; ANTUNES, Irajá Ferreira; BARBIERI, Rosa Lia; SCHWENGBER, José Ernani; SILVA, Sergio Delmar Anjos e; LEITE, Daniela Lopes; CARDOSO, Joel Henrique. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, n. 1, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/19445/12516>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; PINHEIRO, Regis Araujo; SCHIAVON, Josuan Sturbelle; ANTUNES, Irajá Ferreira. Agricultores guardiões: sementes para uma agricultura sustentável e alimentação de qualidade. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 11, 2016, Pelotas/RS. *Anais...* Pelotas: Embrapa, 2016. p. 1-14. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/147210/1/146841988754652-Gilbero-Bevilaqua-AGRICULTORES-GUARDIOES.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas ciências sociais. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (Orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 157-183.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre a Geografia Cultural. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre – RS. 16 nov. 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 16 maio 2020.
- DOURADO, Auceia Matos. *Viver e pertencer: identidades e territórios nos assentamentos rurais de Sergipe*. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 2014.
- GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um *corpus* fotográfico na pesquisa antropológica. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 7, n. 10, p. 77-106, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires:
- CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2021. 396 p.
- PINHEIRO, Regis de Araujo; CASALINHO, Hélio Debli; ANTUNES, Irajá Ferreira; BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli. O ato de guardar as sementes e a agricultura sustentável. *Cadernos de Agroecologia*, Brasília/DF, v. 13, n. 1, p. 1-7, 2018. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/872/406>. Acesso em: 22 jan. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTOS, Flávio dos. *Resistência para um modo de existência: luta camponesa em defesa das sementes crioulas no semiárido alagoano*. 177 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 2020.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, Glaucio José; RAMIRES, Julio Cesar de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. v. 2. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 55-68.

STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. "Sementes crioulas" – saberes e práticas sociais em comunidades tradicionais caiçaras, quilombolas e faxinalenses no Estado do Paraná. In: Encontro Regional Sul de História Oral, 10, 2019, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019. p. 01-09.

Disponível em:

[https://www.sul2019.historiaoral.org.br/resources/anais/12/abhosul2019/1571250044\\_ARQUIVO\\_7c9aa2e91eec7fb24054a295a50f0fe5.pdf](https://www.sul2019.historiaoral.org.br/resources/anais/12/abhosul2019/1571250044_ARQUIVO_7c9aa2e91eec7fb24054a295a50f0fe5.pdf). Acesso em: 30 abr. 2020.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. O exercício da observação no estudo da paisagem: redundâncias e essencialidades. *Revista caminhos de Geografia*, n. 76, v. 21, p. 98-115, 2020.

VELOSO, Cássio Laurentino; SILVA, José Madson da; NASCIMENTO, Denisson Lima do; OLIVEIRA, Jailson de; COSTA, Cristian José Simões. Mapeamento de sementes crioulas no sertão alagoano: revisão de literatura. In: Congresso Nacional da Diversidade do Semiárido, 1, 2018, Natal. *Anais...* Natal: Realize Eventos e Editora 2018. p. 01-09. Disponível em:

[https://editorarealize.com.br/revistas/conadis/trabalhos/TRABALHO\\_EV116\\_MD1\\_SA3\\_ID551\\_06112018143411.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conadis/trabalhos/TRABALHO_EV116_MD1_SA3_ID551_06112018143411.pdf). Acesso em: 30 abr. 2020.

VITTE, Antônio Carlos; SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna. *História, Ciências, Saúde – Manginhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 607-626, jul./set. 2010.